

RALED

VOL. 18 (2) 2018



RESEÑA

Cabral, A. L. T., Seara, I. R., Guaranha, M. F. (2017)
Descortesia e cortesia. expressão de culturas

381 pp. São Paulo: Cortez
ISBN 978-85-249-2568-9

CAROLINA LOPES ARAÚJO

Universidade de Brasília
carolinaaraujo@unb.br

Recebido: 10 de outubro de 2018 | Aceito: 02 de novembro de 2018

Os estudos da Teoria de Face, de Goffman embasam as investigações das quais se derivam os treze artigos que compõem a obra intitulada *Descortesia e cortesia: expressão de culturas*. A ideia basilar do conceito de face proposto por Goffman (1967), de que os atores sociais buscam preservar sua autoimagem e reafirmá-la diante de seus interlocutores e interlocutoras, desdobra-se no modelo de Brown e Levinson (1987), que distingue entre a face positiva e a face negativa. Para Brown e Levinson, a face positiva corresponde ao conceito goffmiano da imagem de si. Já a face negativa vincula-se à ideia de liberdade de ação ou de território individual. As interações sociais são inerentemente arriscadas para a face, e as estratégias de cortesia contribuem para a harmonia nas interações sociais.

Alguns autores e autoras fazem distinções entre os conceitos de cortesia e polidez. Nesses casos, a polidez refere-se a um sistema de normas, regras e princípios convencionados em uma comunidade de prática, logo de mais rígida estruturação do que as práticas de cortesia. Para outros, entretanto, cortesia e polidez são tomados como sinônimos e se referem a princípios reguladores da conduta humana, tacitamente condicionados entre interlocutores e interlocutoras, e que regem seus comportamentos e expectativas na interação.

No primeiro capítulo da obra, Kerbrat-Orecchioni discute a ausência de uma definição consensual quanto à definição de polidez que se associa, em diferentes propostas teóricas, a grupos lexicais, mais ou menos equivalentes (p.19). Partindo da concepção de que a interação presume cooperação entre os actantes diante da vulnerabilidade mútua das faces (Brown e Levinson 1987), a autora distingue atos ameaçadores da face (*face threatening acts* - FTA), que podem ser mitigados ou atenuados por fórmulas de cortesia, e atos valorizadores da face (*face flattering acts* - FFA), que se realizam por elogios e agradecimentos que enaltecem o/a interlocutor/a. A autora argumenta que o valor pragmático das fórmulas de cortesia é altamente dependente de variáveis contextuais. Assim, embora a cortesia seja um fenômeno universal, os rituais de cortesia se ancoram nas culturas das comunidades de prática.

No Capítulo 2, Dale A. Koike retoma a questão da cortesia como expressão cultural introduzindo o conceito de *frame*. Segundo a autora (p.58), “um sentido compartilhado de *frames* culturais e expectativas é necessário para que os interlocutores participem com sucesso e de forma ‘fluida’ do discurso numa situação social. A cortesia é também parte do discurso ‘fluido’”. Porém, o foco do capítulo é a descortesia que pode resultar de desalinhamentos de *frames* entre os interactantes. A autora explica o modelo de gestão de relacionamento proposto por Spencer-Oatey (2000) para argumentar que os *frames* são dinâmicos e podem ser construídos, acionados ou transformados ao longo da interação, sendo, portanto, resultado de uma co-construção entre os atores. A descortesia como desalinhamento de *frames* também é tratada no Capítulo 7, por Rodrigo Albuquerque e Cibele Brandão, que estudam, em comunidades de aprendizagem do português brasileiro como língua adicional, como as metáforas e as ofertas podem ser interpretadas por atores que não compartilham o mesmo *frame* cultural.

Sílvia Kaul de Marlangeon também se debruça sobre as práticas de descortesia, no Capítulo 3. A autora descreve um *continuum* no qual se pode situar a força da cortesia-descortesia dos discursos, colocando cortesia e descortesia como polos opostos. Para a autora, a descortesia é sempre marcada, pois ela contraria os padrões de comportamento e desequilibra as interações. Há comunidades de práticas descortesias, tais como torcidas de futebol, nas quais o desacordo, os desafios e a competição cumprem o papel de manter a ação conjunta, de modo que nem sempre a descortesia resulta em rompimento da relação entre os atores.

O Capítulo 4 conduz a leitora e o leitor para a análise da cortesia em um contexto totalmente diferente dos demais capítulos: a literatura medieval europeia. Carlos Carreto associa as práticas de cortesia aos rituais de hospitalidade representados nas obras medievais. O autor estabelece um paralelo entre o medo da violação da face diante do qual a cortesia contribui para a manutenção do pacto conversacional e o medo do encontro com o desconhecido diante do qual a hospitalidade realiza um mitigador ao restabelecer a ligação do microcosmo doméstico com o macrocosmo universal. A prática da hospitalidade relaciona-se com a gestão (corporal, simbólica e discursiva) dos limites dos territórios dos interactantes (p.144), vinculando-se, portanto, à noção de face negativa. E por realizar-se por atos que geram um espiral oblativo no qual o dom implica em contra-dom, alimentando uma dívida simbólica que fundamenta a cortesia (p.114), a hospitalidade vincula-se, também, aos atos de valorização da face.

Continuando a discussão sobre a importância da cortesia para a convivialidade, Diana de Barros, no Capítulo 5, explica como as estratégias de cortesia promovem a manutenção das interações sociais. A autora resgata de Landowski (2005) quatro regimes de interação, os quais se distinguem pelo nível de risco e de produção de sentido a eles intrínsecos. Segundo a autora (p.153), “a comunicação falada é sempre fortemente programada pelas regras e papéis conversacionais, e pelas convenções e papéis sociais e culturais”. Quando o princípio que rege a interação são convenções, as fórmulas de cortesia cumprem mera função de repetição, uma vez que o risco de ataque à face é mínimo. As fórmulas de cortesia tampouco marcam as interações por acidente – mas que podem ser marcadas por descortesia. Tais interações se caracterizam pelo inesperado e pela incompreensão, e tendem a levar à perda de relação entre interlocutores/as. Seria, portanto, nos regimes de manipulação e de ajustamento que as fórmulas de cortesia concorrem para a produção de sentido. Enquanto na manipulação as práticas de cortesia tornam as interações menos arriscadas e mais bem aceitas, no ajustamento essas fórmulas contribuem para a conexão empática entre interlocutores/as, revelando simetria de poder.

A questão da assimetria de poder é o cerne da discussão do Capítulo 6, no qual Micheline Tomazi e Gustavo Cunha analisam um trecho de uma audiência para exemplificar como “o poder é uma característica inerente à relação de grupos” (p. 178), aludindo a teoria de van Dijk (2012). A autora e o autor relacionam a teoria de faces de Goffman ao conceito de campo social de Bourdieu e afirmam que o uso de estratégias de polidez se presta a preservar as imagens identitárias de interlocutores/as, as quais são marcadas pelo *status* dos grupos a que pertencem. Assim, “estratégias de polidez ou cortesia revelam as relações de poder que caracterizam uma sociedade, sendo eficazes na manutenção e na naturalização de uma ordem social hierarquizada” (p. 187).

No Capítulo 8, Isabel Seara analisa panoramicamente dezessete abordagens de estudos sobre (des)cortesia. A autora descreve estratégias de cortesia de atenuação e intensificação, e argumenta que o cunho pessoal marca o discurso, especialmente pela modalização avaliativa – abundante na comunicação virtual. A comunicação mediada por computadores é também tematizada no Capítulo 9, no qual Ana Lúcia Cabral e Sílvia Augusta Albert analisam o diálogo entre tutor/a e estudante em ambiente virtual de aprendizagem. As autoras se questionam se as práticas de (des)cortesia comuns nas redes sociais influenciam o comportamento de interlocutores/as em ambiente virtual de aprendizagem e reconhecem que a descortesia por parte de estudantes configura uma ameaça à face de tutores/as, violando a relação hierárquica e podendo comprometer a harmonia necessária ao desenvolvimento dos processos educativos.

Divergindo, porém, quanto aos efeitos negativos da descortesia sobre a interação, André Valente, no Capítulo 10, reconhece que descortesia pode ajudar a se cumprir o objetivo interacional de obtenção de informações ou de ataque à face de interlocutores/as em interações marcadas pela polêmica. O autor afirma ser necessário estudar o valor ideológico e político da descortesia, reconhecendo o impacto que aporta às relações e às vidas das pessoas ao reforçarem ou modificarem padrões de comportamento. Um exemplo dos efeitos pragmáticos da descortesia pode ser observado durante campanha eleitoral de 2018 no Brasil, quando a reiteração de discursos de ódio por um candidato de direita se prestou a legitimar a destruição de uma homenagem pública prestada a uma líder social assassinada.¹

No Capítulo 11, Sônia Berti-Pinto e Manoel Francisco Guaranha argumentam que o locutor avalia a relação custo-benefício ao empregar estratégias de descortesia para ferir a face do outro e violar máximas conversacionais. Nas situações de embate, tais como o debate político, estratégias de cortesia são empregadas minimamente no intuito de “que se preserve a civilidade e que não se revele a face antidemocrática dos interlocutores” (p.325). Nessas interações verbais polêmicas, “o que realmente importa é a manutenção da face positiva do falante e modos de colocar em evidência a face negativa do interlocutor para conseguir a adesão dos eleitores” (p. 324).

No Capítulo 12, Elizabetta Santoro, Maria Zulma Kulikowski e Luiz Antônio Silva explicam diferentes estratégias de coleta de dados utilizadas em investigações em linguística sociocultural. As autoras e o autor defendem ser imperativo que a escolha do método de coleta para a composição de um *corpus* se adeque aos objetivos da pesquisa, para que se assegure a coerência de seus resultados.

O Capítulo 13 encerra a obra com uma revisão de literatura dos principais estudos da polidez. Kazue de Barros explica restringir sua análise a trabalhos de tradição anglo-saxônica, não abordando, portanto, os estudos do Professor Lésmer Montecino Soto – ausência que se faz notar no Capítulo 8 ao apresentar uma análise transversal dos estudos de polidez. Segundo a autora, a perspectiva sociopragmática predomina nos estudos da cortesia, dos quais ela extrai três perspectivas de polidez: a) a polidez como forma de evitar conflito; b) a polidez como princípio conversacional; e c) a polidez como indexador cultural. Autores/as discordam se o emprego das estratégias de (im)polidez equivale ao uso de estratégias de preservação da face, e não existe um consenso quanto à própria definição de polidez, mas “as perspectivas propostas na literatura são mais complementares do que antagônicas” (p. 361). “Considera-se produtivo privilegiar diferentes visadas, no estudo da (im)

1 Fazemos referência, aqui, especificamente ao ocorrido em 30 de setembro de 2018, quando o candidato a Deputado Estadual do Rio de Janeiro pelo PSL Rodrigo Amorim e candidato ao cargo de Deputado Federal do Rio de Janeiro Daniel Silveira publicaram no Facebook sua foto e vídeo em que mostram o momento em que teriam arrancado a placa de homenagem à Vereadora Marielle Franco, assassinada em 14 de março de 2018, que havia sido afixada sobre a inscrição Praça Floriano na esquina em frente à Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Os candidatos justificaram seu ato dizendo que: “Cumprindo nosso dever cívico, removemos a depredação e restauramos a placa em homenagem ao grande marechal”, ao que agregam a ameaça: “Preparem-se, esquerdopatas: no que depender de nós, seus dias estão contados”. (Disponível na internet em <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,candidatos-do-psl-destroem-placa-com-homenagem-a-marielle-franco,70002531740>. Acesso: 07 de outubro de 2018).

polidez. (...) Análises com focos diversos (...) favorecem a compreensão de qualquer fenômeno de modo mais abrangente”.

Os artigos compilados na obra de Cabral, Seara e Guaranha oferecem excelente aproximação introdutória para aos estudos da (des)cortesia. Por abordar aspectos da pragmática sociodiscursiva, os textos convidam a refletir sobre a dinâmica dialética entre as relações de poder no campo social, os propósitos interacionais e estratégias do uso da (des)cortesia, os quais balizam os conteúdos, os modos, os turnos e os espaços de fala nas interações verbais, com consequência sobre o comportamento dos/as interlocutores/as e sobre a vida em sociedade.

Referências bibliográficas

BROWN, P. e LEVINSON, S. 1987. *Politeness. some universal in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press.

GOFFMAN, E. 1967. *Interaction Ritual.essay on face-to-face behaviour*. United Kindom: Penguin University Books.

LANDOWSKI, E. 2005. *Les interactions riquées*. Limonges: PULIM.

SPENCER-OATEY, H. 2000. *Culturally Speaking. management rapport through talk across cultures*. 2a. ed. London: Continuum.

VAN DIJK, T. A. 2012. *Discurso e Poder: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto.